

*Ana Maria Maqalhães
Isabel Alçada*

**Uma
Aventura**

na Amazónia

*Ilustrações de
Arlindo Faundes*

CAMINHO

2.^a edição

Capítulo 1

Uma viagem e dois problemas



— Gémeas!

A voz da mãe, que acabava de chegar a casa carregada de sacos de supermercado, parecia alegre demais para quem vinha de comprar arroz, batatas e leite.

— Teresa, Luísa, onde é que estão?

Elas saíram do quarto admiradas.

— O que foi, mãe?

— Aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu, sim. Ou melhor vai acontecer e vocês vão adorar!

O entusiasmo era tal que largou os sacos e ouviu-se *crash*.

— Lá se partiram os ovos, mas paciência, também era só meia dúzia.

Teresa e Luísa, que já estavam espantadas com tanta alegria, ficaram espantadíssimas com a reacção. Para não se ralar nada à conta de seis ovos esborrachados, passava-se com certeza alguma coisa muito especial.

— Conta lá! — pediram em coro. — O que é que vai acontecer?

— Uma viagem à Amazónia, à maior floresta

do planeta, ao único sítio do mundo onde ainda há índios que vivem isolados e não sabem que existem outros povos na Terra.

— Que espectáculo!

— A ideia foi sua ou do pai?

— Nem minha, nem dele.

— Então como é?

— Vou em serviço. E sabem porquê? Porque o meu chefe teve que ser operado de urgência ao apêndice e indicou-me a mim para o substituir.

— Para o substituir em quê?

— Na organização da viagem e no apoio aos viajantes.

— A mãe tem tanta sorte por trabalhar numa agência de viagens!

— Sorte, tenho. Mas olhem que também aturo clientes insuportáveis, malcriados, resmungões...

— E se estes forem do género?

— Quero lá saber! Sempre sonhei ir à Amazônia e agora vou, ainda por cima de graça! Se os clientes forem chatos, penso noutra coisa. Mas palpita-me que não vão ser.

— Porquê?

— Porque são médicos e cientistas de todo o mundo. Reúnem-se uma vez por ano, sempre em sítios diferentes, para discutir doenças que se transmitem por picadas de mosquitos. Morrem milhares de pessoas dessas doenças, eles andam a tentar descobrir vacinas e tratamentos, não podem perder tempo a resmungar idiotices, não acham?

— Achamos — responderam outra vez em coro.

— Mas eu ainda não lhes disse tudo...

Ao contrário do que era costume, a mãe não parecia ter pressa em arrumar as compras e nem sequer se preocupava com as manteigas e os iogurtes que já deviam estar no frigorífico.

— Nestes congressos de médicos, cada participante tem direito a levar um acompanhante, e neste caso até abriram uma possibilidade fantástica, quem pagar um pouco mais, pode levar dois. Eu já resolvi, pago e levo as duas.

A surpresa deixou-as sem pio.

— Então? Não ficaram contentes?

— Contentíssimas! — gritaram, saltando por cima dos sacos para abraçar a mãe. — Eu nem acredito! Eu nem acredito!

As manifestações de alegria foram acompanhadas desta vez por um *sprash* de iogurtes dentro do saco. Mas, num momento assim, quem é que se importa com iogurtes? De súbito, porém, a Luísa imobilizou-se.

— E o pai? Esqueceu-se do pai?

— Vocês são parvas, ou quê? O pai já acabou as férias, não pode ir. Combinámos tudo pelo telefone e ele está tão contente como nós as três.

— Que bom, mãe! Que bom, que bom, que bom!

— Quando souberem o resto, vão dar pulos até ao tecto.

— Que resto?

— Isso só digo depois de arrumarem tudo o que está nos sacos. Aliás, tudo o que sobra porque uma boa parte das minhas compras vai direita para o caixote do lixo.

De nada serviu insistirem para que lhes dissesse o que tinha a dizer pois não tornou a abrir a boca. Então meteram mãos à obra, a curiosidade duplicou-lhes a energia, em poucos minutos enfiaram cada coisa no seu lugar.

— Pronto!

— Missão cumprida. Agora diga lá o que falta.

— A mãe do vosso amigo Pedro é uma das médicas que está inscrita neste encontro...

Ainda não terminara a frase, tocou o telefone e era o Pedro a gritar numa excitação louca:

— Vou à Amazónia! Vou à Amazónia!

Quando soube que elas também iam, os gritos redobram e a conversa tornou-se tão confusa que acharam melhor descer à rua para se encontrarem no café. Mas mesmo no café demoraram a entender-se porque falavam todos ao mesmo tempo.

— Que fixe!

— Nunca pensei.

— Ainda para mais na última semana de férias.

— É incrível...

— Liga aí ao Chico e ao João — disse a Teresa num tom de voz muito alegre que murchou imediatamente. — Espera, não ligués.

Não precisou de explicar porquê e ficaram os três em silêncio a olhar uns para os outros cheios de pena que os amigos ficassem de fora daquela aventura.

— Se eles pudessem ir então é que era o máximo — comentou a Luísa como quem pensa em voz alta.

Pedro franziu a cara numa expressão esquisita antes de falar.

— Com jeito, podia ir um.

— Hã?

— O meu pai agora está ocupadíssimo, não vai e nem se importa porque detesta andar muitas horas de avião. A minha mãe leva-me e, se arranjassemos dinheiro, tenho a certeza de que a convencia a levar o João ou o Chico. Agora para os dois, não há lugar.

Na cara das gémeas estampou-se uma expressão interrogativa e o Pedro confessou:

— Quando eu soube que vocês iam, comecei logo a pensar nisto e vim desde casa a pôr hipóteses. Se não posso convidar o Chico e o João será melhor não convidar nenhum ou acham que se tire à sorte?

Elas hesitaram um instante antes de responder:

— Não sei — disse a Luísa.

— Nem eu — disse a Teresa.

Pedro apoiou os braços no tampo da mesa e inclinou-se para a frente de modo a poder falar baixo sem ser ouvido por outras pessoas.

— Mas há uma coisa que eu sei.

— O quê?

— Se vocês as duas fossem com eles para a Amazónia e me deixassem para trás, eu ficava tão triste que talvez o nosso grupo se desfizesse.

— Ai, Pedro! Não digas isso.

— Digo porque é verdade.

— Nós não temos culpa de que não haja mais lugares.

— E quando se tira à sorte, ninguém pode ficar ofendido se não ganhar.

— Pois é — disse o Pedro. — Mas vale a pena pensar melhor no caso para conseguirmos imaginar o que sente quem fica de fora.

As gémeas olharam-no em silêncio e com atenção porque confiavam nos seus raciocínios.

— Se esta viagem não tivesse nada a ver com as nossas mães, se fosse um sorteio e só houvesse quatro lugares...

— Não concorríamos — ripostaram as gémeas de imediato.

Pedro aconchegou os óculos no nariz com o sorriso de quem já sabe a resposta.

— Não concorríamos porquê?

— Porque ou íamos todos ou não ia nenhum.

— Exacto, Luísa. Mas se queres ainda arranjo uma fórmula melhor: porque não nos passava pela cabeça irmos todos e deixar um.

— Claro. Já pensaram o que era quatro todos contentes a embarcar e um cá em baixo a dizer adeus?

— Era horrível.

— O que é que sentias, se fosses tu a ficar? — perguntou a Luísa à irmã.

Teresa pensou um instante antes de responder:

— Amuava, ficava furiosa, passava uma semana horrenda, acordava a meio da noite a imaginar que vocês estavam a divertir-se e eu feita parva na cama a chorar.

— Não choravas, não — interrompeu a Luísa.

— Porque se eu soubesse que estavas em casa

desesperada não me divertia nada e por isso não ia.

— E eu fazia o mesmo.

Pedro sorriu.

— Pronto, já percebemos o que sente quem fica para trás. Mas neste caso há uma coisa a considerar, esta viagem não é prémio de nenhum sorteio: é uma oportunidade que calhou às nossas famílias e que não podemos recusar.

— Isso eles compreendem. Mesmo que fiquem com pena, compreendem.

— Só passa a haver problema se convidarmos um e deixarmos o outro de fora.

— Tens razão. Ou vão os dois, ou não vai nenhum.

Teresa espetou os dentes num pastel de nata que não lhe soube nada bem porque os pensamentos que tinha na cabeça não eram doces, eram amargos.

— Não vai nenhum e a viagem perde a graça. Sem eles, vamos estar sempre a pensar «se cá estivesse o Chico não tinha medo dos crocodilos» ou «se cá estivesse o João ia adorar entender-se com os macacos».

Aquelas frases, ditas num tom meio tristonho, trouxeram para cima da mesa o ambiente da selva e a Luísa ficou de repente cheia de dúvidas sobre o encontro dos médicos.

— Olhem lá, vocês acham normal que médicos de todo o mundo escolham uma selva para discutir doenças?

— Não — disse a Teresa. — E nem sequer percebo onde é que se instalam.

— Talvez num acampamento daqueles que a gente vê nos filmes?

Pedro ouvia-as, contendo o riso.

— Que disparate! O congresso é em Manaus.

— Então não é na Amazónia?

— É. Manaus é uma grande cidade que fica no meio da Amazónia.

— A sério?

— Sim. Se quiserem, vejam num mapa ou na internet. Mas antes vamos resolver o nosso problema.

— Que não é um, são dois e têm nome, Chico e João.

— Esperem! Tive uma ideia!

Os olhos do Pedro brilhavam por trás dos óculos quando apresentou a sua ideia.

— Talvez o avião não vá cheio. Telefonem à vossa mãe a perguntar se há vaga e quanto custa uma viagem extra.

— Deve ser bastante.

— Não importa. Se houver vaga, podemos juntar todo o dinheiro que temos guardado, arranjar mais algum, dizer a eles que façam o mesmo e pronto, resolve-se a questão.

As mãos da Luísa tremiam quando pegou no telemóvel, a voz saiu-lhe fraca quando informou:

— Há vaga. E custa uma pipa de massa.

Ao dizer o preço da viagem entortou os olhos, mas Pedro, em vez de se impressionar, começou imediatamente a fazer contas num guardanapo de papel.

— O que nós três temos não chega, vou pedir algum emprestado à minha irmã.

— E nós vamos telefonar à avó e pedir que nos dê o presente de anos adiantado e em dinheiro.

— À avó e à madrinha!

— Isso. E já agora, presente de anos e de Natal.

À medida que iam fazendo os telefonemas, as parcelas que o Pedro somava no guardanapo iam aumentando.

— Está quase, já falta pouco.

— Mas falta, não é?

— É — disse ele muito sério. — E vou pedir ajuda ao meu pai.

Enquanto ele esperava que o pai atendesse, as gémeas ficaram em suspenso, depois ficaram à escuta, admirando a maneira como o Pedro se explicava e tentando adivinhar o que lhe respondia o pai do lado de lá.

— Já disse tudo, pai. Queria saber se nos ajuda.

Ansiosas pela resposta, Teresa e Luísa quase não respiravam.

— Então?

Pedro fez-lhes sinal para que se calassem e continuou:

— Não nos tínhamos lembrado disso mas vou já tratar do assunto. E obrigado.

— Então? — repetiram assim que ele desligou.

— Temos de ligar ao Chico e ao João a saber se querem ir.

— Ora, Pedro! Claro que querem!

— E se as famílias deixam.

— Têm de deixar.

— Deixam, com certeza. O problema é a massa.

— Já não é — declarou o Pedro com uma expressão muito especial. — Porque se eles não tiverem que chegue, o meu pai também me dá o presente de Natal adiantado e mais alguma coisa se for preciso. Ele sabe que nós não somos só bons amigos, somos uma equipa, não é?

— É! — gritaram as gémeas, tão alto que toda a gente na esplanada se virou para ver se tinha acontecido alguma coisa, mas elas já estavam agarradas aos telemóveis.

— Chico! — berrou uma.

— João! — berrou a outra.

Pedro chegou-se, juntaram as cabeças e então berraram os três:

— Venham ter connosco ao café! Já! É urgente!